

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Há 450 anos, quando a epopeia *Os Lusíadas* foi publicada, as práticas letradas eram atos enunciativos formulados com base em artifícios e convenções datadas. As letras, amparadas em artefatos culturais, reúnem esquemas de argumentação tributários de outros discursos, conjunturas, pessoas e não prescindem de protocolos, normativas, regras e prescrições que condicionam a licença poética e as possibilidades históricas do pensar, dizer e fazer. Sendo assim, os enunciados não se autonomizam em relação aos agentes que os proferem, pois inventam o próprio agente como figuração discursiva.

Ora, as representações, independentemente dos gêneros ou subgêneros aos quais pertencem, são leituras de mundo e, por isso mesmo, frutos de silêncios, escolhas, esquecimentos. Sendo assim, são iniciativas restritas, precárias, provisórias, respaldadas em técnicas que configuram sistemas de legibilidade particulares. A despeito dessas condicionantes, as representações também podem consumir sentenças edificantes, solidárias, inclusivas, instrutiva, aspecto que demarca sua ambiguidade e multiplica os seus efeitos sobre o leitor/ouvinte, sempre sujeito aos limites temporais da interpretação e aos autoritaris-

mos de seu presente, que (des)valoriza o passado e/ou futuro conforme regimes de poder, mais ou menos sutis, que funcionam como engrenagens sociais. Levantar em consideração todos esses elementos constitui ato heroico, épico, no Brasil de 2022, regido por milícias, fascistas e corruptos que espalham *fake News* e manipulam a história para legitimar gestos autoritários, discursos discriminatórios e ações alheias aos direitos fundamentais, resguardados pela constituição.

Logo, um dossiê como este, acolhido pela *Via Atlântica*, figura um ato de resistência e um alerta para as futuras gerações, que testemunharão, em meio à barbárie política e à conjuntura pandêmica, traços de uma cultura secular levada a sério e interpretada com esmero, precisão e compromisso ético, atributos que, em sua raridade, desenham no horizonte as expectativas de um país mais sério e menos propenso a acolher discursos hipócritas, mesquinhos e rasos, proferidos por sujeitos alienados das causas sociais e das pautas democráticas.

Convidamos os leitores a revisitarem a épica camoniana, ressaltando o fato de que se trata de um poema onipresente no horizonte de escritores de variados tempos, desde sua publicação em 1572. Por sinal, os textos reunidos no dossiê reforçam os numerosos diálogos propiciados pela leitura atenta d'*Os Lusíadas*, em direção às obras do passado e às contribuições posteriores; rediscutem a recepção da obra de

Luís de Camões no âmbito literário, mas também as tentativas de enquadramento em materiais didáticos; celebram, enfim, as múltiplas interpretações suscitadas pelos impressionantes episódios abrigados em seus versos.

Cleber Vinicius do Amaral Felipe

Jean Pierre Chauvin

Marcelo Lachat